

Campanha promete ser explosiva

■ Governo e oposição avaliam que polarização entre FH e Lula e radicalização da esquerda podem criar clima de violência na eleição

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — O clima de radicalização no Congresso durante a votação da reforma da Previdência pode evoluir para uma escalada de violência durante a campanha eleitoral. O favoritismo do presidente Fernando Henrique Cardoso, a ausência de diálogo entre o governo e a oposição, a falta de perspectivas imediatas de poder e de um projeto viável das oposições e o ressentimento dos servidores públicos são os elementos de uma realidade que tem tudo para se tornar explosiva durante a campanha. Essa é a avaliação que fazem integrantes da oposição e do governo.

Cenas de confronto como as ocorridas em 1989 entre os adeptos de Fernando Collor de Mello, do PRN, e militantes do PT e do PDT poderão voltar à cena devido a polarização que está se

formando entre Fernando Henrique e Luiz Inácio Lula da Silva. O cientista político Sérgio Abranches vem acompanhando com preocupação todos estes episódios e avalia que o clima que se está criando representa um risco institucional. "As eleições polarizadas, com posições antagônicas e radicalizadas, são nocivas à democracia e empobrecem o debate político", diz.

Polarização — Durante uma reunião com parlamentares do PSDB, na casa do deputado José Anibal (SP), Abranches observou que o próprio presidente estaria contribuindo para essa radicalização, por ter adotado como estratégia de campanha a polarização com o candidato do PT. "Os partidos de oposição estão aprisionados numa posição minoritária na sociedade e isso os torna mais violentos e tendentes à radicalização", explicou. O cientista políti-

co advertiu ainda que foi justamente esse clima de confronto e antagonismo que levou a rupturas institucionais no Brasil, em 1964, e no Chile, em 1970.

Incidentes em campanhas eleitorais, como os ocorridos em 1989, são considerados comuns. Mas o líder do PDT, deputado Neiva Moreira (MA), acredita que "a violência dessa vez vai superar os limites habituais". O líder trabalhista diz que este é o ânimo do seu pessoal. Ele conta que vê "indignação por todos os lados" nas reuniões das oposições de que participa. Moreira avalia que os incidentes na Câmara são "um reflexo da descrença de setores da sociedade nas instituições, que vão desembocar na campanha". O deputado Lindberg Farias (PSTU-RJ) garante que o clima será muito pesado. "Em todos os lugares em que o Fernando Henrique for vai haver confusão."

O relator da reforma da Previdência, deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP), sentiu na pele o comportamento da oposição. Na segunda-feira pela manhã, ao sair de casa, em São Paulo, foi surpreendido com uma manifestação contra a reforma. O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, há alguns meses bateu boca com funcionários da Telebrás que foram protestar contra a privatização em frente a sua casa. "A oposição está muito radicalizada e há um risco de que a campanha seja violenta. Tudo vai depender do equilíbrio da base do PT", afirma Madeira.

Conflito — O fato de ser possível o presidente inaugurar obras no período pré-eleitoral por disputar a reeleição no cargo é considerado na oposição uma fonte de conflitos. "A oposição não vai assistir de braços cruzados ao presidente usar a máquina administrativa em fa-

vor próprio", adverte o deputado Marcelo Deda (PT-SE). Para ele, o grau de radicalização vai depender do comportamento de Fernando Henrique na campanha. "O presidente não pode se confundir com o candidato."

Os próprios petistas, porém, reconhecem que o discurso da oposição pode funcionar como um estímulo à radicalização. "Conceitualmente a candidatura Lula tem que ser de enfrentamento radical", comenta Deda. As limitações do horário eleitoral no rádio e TV, que vai durar apenas 21 dias, também contribuem para que o corpo-a-corpo tenha maior importância na campanha da oposição.

No lançamento de sua candidatura, em dezembro, Lula fez um apelo para que os militantes do PT voltem às ruas como em 1989, cobrou dos dirigentes sindicais ligados à CUT o

engajamento na campanha e pediu que João Pedro Stédile, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), aprenda a invadir as urnas. Lula também conclamou os desempregados a se organizarem em acampamentos, como o MST, e ocuparem praças e ruas em frente aos palácios do governo. No discurso, muito aplaudido, Lula deu o tom da campanha da oposição ao afirmar que "a partir de janeiro é guerra, e na guerra, a gente não brinca".

O anúncio de que o MST pretende organizar 180 invasões em março, o incidente na rampa do Palácio do Planalto, há duas semanas, quando aposentados e parlamentares da oposição ensaiaram uma invasão, e os tumultos na Câmara são alguns indícios de que há uma ameaça concreta de uma campanha eleitoral violenta.